

DE SOLDADO A SANTO: UMA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO MAXIMIANO DOMINGOS DO ESPÍRITO SANTO, O CONHECIDO PRETO CAXIAS

VANESSA BERNARDES¹; FÁBIO VERGARA²

¹*Universidade Federal de Pelotas - PPGMSPC – vanessadsbernardes@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este resumo tem por objetivo apresentar um breve panorama da pesquisa sobre trajetória de vida de Maximiano Domingos do Espírito Santo, homem negro liberto que viveu em Bagé, ao longo de praticamente todo o século XIX (1844-1888). Maximiano - que posteriormente viria a ser conhecido pelas alcunhas de Preto Caxias e Mão Preta - galgou espaço de protagonismo na sociedade bageense da época por meio de seus incansáveis trabalhos de caridade.

A vida de Maximiano, os porquês de seu reconhecimento e do culto à sua memória como santo popular motivaram o presente resumo, vez que dão testemunho das contradições presentes na sociedade brasileira, no que é ainda mais importante, exemplificam com grande mérito o protagonismo de um homem negro no contexto escravista oitocentista bageense.

2. METODOLOGIA

O presente resumo foi produzido após levantamento bibliográfico de fontes secundárias, isto é, notícias de jornais bageenses contemporâneos a Maximiano, examinando também peças de opinião produzidas após o seu falecimento, bem como pelo trabalho de escritores da cidade que escreveram sobre a história do ‘Preto Caxias’ ao longo do século XX.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Maximiano foi um homem liberto que viveu em Bagé durante boa parte do século XIX. Nascido no Rio de Janeiro, em 1810, veio para Bagé, conforme apontamentos de Reis em 1844, então com trinta e quatro anos de idade (REIS, 1911, p.11). O povoado de Bagé, surgindo de um destacamento militar português na região da campanha no contexto dos conflitos entre os reinos de Portugal e Espanha, em 1811, chefiado por Dom Diogo de Souza (LEMIESZEK, 2013, p.12), se via então envolta no conflito conhecido como Revolução Farroupilha, e Maximiano nas fileiras do Exército Imperial sob a liderança de Luís Alves de Lima e Silva, o homem que viria a receber o título de Duque de Caxias (REIS, 1911, p.11).

Maximiano permaneceu na cidade vez que encerrado o conflito, tendo desempenhado diversas profissões, tais como a de elemento de polícia, conforme indica Eurico Jacinto Salis (SALIS, 1951, p. 185) e jornaleiro, segundo Marcelo Santos Matheus (MATHEUS, 2016, p. 347). Ainda segundo Salis, teria sido no exercício de tais funções que Maximiano teria adquirido o apelido de Caxias, por espelhar no cumprimento de seus próprios deveres as virtudes do

Pacificador (op. cit., p.185). Nenhuma outra de suas ocupações, todavia, é mais digna de destaque do que os seus muitos serviços prestados ao Hospital de Caridade de Bagé.

Fundado em 1870 pelos médicos Drs Azevedo Penna e Albano de Souza (SALIS, 1951, p.151), o hospital seria posteriormente integrado à diocese de Bagé, tornando-se o Hospital de Caridade da Santa Casa de Bagé. Caxias prestou diversos serviços ao hospital, conforme as observações de Reis, tais como enfermeiro, transportador de doentes e zelador (REIS, 1911, p. 11). Seus numerosos serviços prestados à comunidade renderam, por parte de amigos, uma homenagem em vida na forma de um retrato pintado à óleo, que é hoje a única imagem disponível de Maximiano. O quadro atualmente está exposto na galeria de beneméritos deste hospital (figura 1).

FIGURA 1: Retrato do Maximiano Domingos do Espírito Santo.



Fonte: Vanessa Bernardes (2019)

Os dizeres do quadro ilustram muito bem a visão que a comunidade local, para muito além dos limites do hospital, possuía sobre Maximiano: Protótipo de Caridade. Símbolo dessa virtude cardeal, Maximiano possuía ligação estreita com o catolicismo, o que se evidencia pelo fato de ter sido padrinho de batismo por ao menos doze oportunidades, tornando-se pai espiritual de muitos escravizados e libertos, conforme evidenciado por Matheus (op. cit., p 348).

Outro episódio de grande relevo na vida de Maximiano se deu quando da passagem da Princesa Isabel e do Conde D'Eu pela cidade, em meados de fevereiro de 1885. Nesta ocasião, conforme encontrado em nota publicada no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, em 08 de março de 1885, foram eles visitar o hospital da Santa Casa de Caridade, então recém inaugurado. Lá, segundo consta na nota, teriam sido apresentado a Maximiano, que então já no fim da vida, era tido na mais alta estima pela comunidade local como exemplo de caridade, sempre pedindo esmolas para o tratamento dos enfermos e então prestando-lhe todos os auxílios até o derradeiro, que era o de dar-lhes um enterro digno.

Ali foi apresentado a Suas Altezas um preto velho, de cerca de 80 anos de idade, chamado Domingos Maximiano do Espírito-Santo, porém, mais conhecido aqui pelo nome de Caxias, por ter, dizem-me, servido na guerra, onde prestou relevantes serviços acudindo aos enfermos e socorrendo os que mais necessitavam de alívio. Vive este santo homem no hospital de Caridade onde ainda presta serviços

embora já alquebrado. E' muito estimado nesta cidade, onde suas ações são conhecidas. Tem passado toda a vida fazendo o bem; sendo elle um dos mais pobres exerce a caridade como ninguem, porque abandonando a sua casa e sem recursos, pedia esmola de porta em porta para socorrer o infeliz que lutava com a enfermidade, levando-lhe os recursos necessarios, até mesmo prestando-lhe o ultimo, que era enterra-lo. E' um typo de bondade muito digno de veneração. (*Jornal Do Comércio*, Rio de Janeiro. 08 de mar. de 1885, p. 01)

Nesta ocasião, supostamente teria ocorrido o aperto de mãos entre Caxias e a princesa Isabel (nota-se que tal ato não foi mencionado no jornal), no qual ela o cumprimentaria pelos relevantes serviços prestados à comunidade bageense. Esse episódio seria inscrito na própria lápide de Maximiano, após o seu falecimento em 1888, na forma de uma escultura que ilustra duas mãos se cumprimentando, uma branca e uma negra. Conjectura-se que essa escultura motivou a alcunha de Mão-preta.

O túmulo do Maximiano está localizado na área mais nobre do cemitério da Santa Casa de Bagé, conforme explica a historiadora Elaine Bastianello:

O túmulo do Maximiano está localizado na Divisão mais nobre deste cemitério, destacando-se, em uma esquina, no quadrante C da Primeira Divisão, de catalogação nº72 e TP (terreno perpétuo), nº62.e se destaca por ser o único representante afro-brasileiro sepultado neste local. (BASTIANELLO, 2011, p.7).

Ao longo dos anos, o túmulo tornou-se local de peregrinação por devotos que acreditam no poder dele como milagreiro, tornando-o um santo popular, ou seja, é rico em memória e participação popular. Para Santos (1999, p. 24) “as santificações populares se baseiam na vida do santo, sua existência/incidência neste mundo e os reflexos deixados na realidade para além morte.” Isto é, o protagonismo do Maximiano na caridade durante a sua vida, o epitáfio escrito na sua lápide ““Humanitário Preto Caxias, passou pela vida servindo e chorando as desgraças alheias”, fez com que as pessoas o identificassem como santo após sua morte. A constante visitação ao seu túmulo e a manutenção a sua memória se explicam, segundo Santos (1999, p. 25):

Dessa forma, o povo reconhece seus santos populares vendo, em suas histórias, elementos tais como virtudes, sofrimentos e purificações, de modo que possam associá-los à função de proteção, própria dos santos. Para o povo, a garantia da sua devoção é a proteção do santo.

4. CONCLUSÕES

Reunir as fontes históricas e escrever uma narrativa sobre a vida do Maximiano surgiu do entendimento que é preciso elucidar a contribuição da população negra para além de representações como massa inerte e sem participação efetiva no processo histórico da cidade. Como se pôde observar ao longo da pesquisa, o Maximiano contribuiu no processo de formação de Bagé, principalmente, como enfermeiro no Hospital da Santa Casa, diminuindo dores físicas, como também, na hora da morte das pessoas, ao pedir esmolas para dar um sepultamento digno aos indivíduos relegados naquele contexto social.

Contudo, durante o processo pode-se notar a falibilidade de uma pesquisa baseada em fontes documentais para explicar a complexidade das memórias que envolve a devoção ao Mão Preta. Como afirma Pierre Nora (1993) memória e história não possuem o mesmo significado, pois a “história é uma representação

do passado mas a memória é um fenômeno sempre atual" (NORA, 1993, p.9). Dada a distinção entre estes dois termos, entende-se que a história sobre o Mão Preta já foi escrita e é um dado feito, contudo, as memórias que ressignificam e geram sensação de pertencimento a ele estão em contínuo desenvolvimento pois conforme Maurice Halbwachs "[...] a história é uma e só pode dizer que existe uma história [...]", enquanto existem "muitas memórias coletivas" (HALBWACHS, 2006, p.105). Por tal modo, está em desenvolvimento a pesquisa para a compreensão do processo histórico e memorial que transformou o Maximiano no "milagreiro Preto Caxias".

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

- LEMIESZEK, Cláudio de Leão; GARCIA, Elida Hernandes. **Primazias de Bagé**: Um guia incompleto. Bagé: Urcamp, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- REIS, Jorge. **Apontamentos Históricos e estatísticos de Bagé**. Bagé: Tipografia Jornal do Povo, 1911.
- SALIS, Eurico Jacinto. **História de Bagé**. Ama a sua terra quem bem a conhece. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1955.

Artigos

- NORA, Pierre. **Entre memória e história**. Proj. História. São Paulo, v.10, p. 7-28, 1993.

Tese/Dissertação/Monografias

- MATHEUS, Marcelo Santos. **A produção da diferença**: escravidão e desigualdade social ao sul do império brasileiro (Bagé, c. 1820 – 1870). 2016, 422 p. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2016.

- SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. **Preto velho**: as várias faces de um personagem religioso. 1999, 140 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 1999.